

Análise de discurso e os pontos de encontro tecidos na convergência das teorias

Elizabeth Fontoura Dornele
Universidade de Cruz Alta
Cruz Alta - RS

Resumo: Este texto mostra as convergências teóricas que constituem a especificidade das noções próprias à Análise de Discurso de linha francesa, praticada no Brasil - AD. A partir desses campos teóricos, determina-se o foco do olhar do analista sobre a materialidade lingüística que vai se mostrando, exatamente como efeito da confluência destes. São eles que permitem, na sua fronteira, recortar universos. O texto oferece uma revisão bibliográfica e propõe-se a ser subsídio para os estudiosos da área do discurso.

Palavras-chave: Linguística. Materialismo histórico. Ideologia. Teoria do discurso.

Abstract: This article deals with the theoretical convergences that constitute the specific knowledge regarding the French current of Discourse Analysis practiced in Brazil - DA. The analyst's focus upon the linguistic materiality is determined from the stances of these theoretical fields, and emerges as a result of their confluence. Provided their borders, they allow us to delineate universes. The text offers a bibliographical review as a subsidy for students of the area of discourse.

Key words: Linguistic. Historical materialism. Ideology. Discourse theory.

Introdução

Falar de Análise de Discurso-AD é tratar de um aparato teórico tecido pela convergência dos novos paradigmas que movimentaram as ciências nos Séculos XIX e XX. Em relação aos estudos da linguagem, pode-se considerar que houve uma verdadeira revolução, pois se os estudos lingüísticos ganham um estatuto de ciência capaz de tratar seu objeto desvinculado do historicismo das línguas, para eles convergem outros campos do conhecimento e juntos constituem uma disciplina de interpretação. É, então, de três vertentes

teóricas, ou de três novas abordagens dentro das ciências sociais, que vêm os pressupostos da Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux.

Do Materialismo Histórico de Marx e Engels vem o paradigma que permite compreender a língua como totalidade que comporta sistema e exterioridade afetada pela ideologia; da Psicanálise de Freud e das releituras de Lacan vem o Sujeito dividido, dotado de inconsciente; da Lingüística de Saussure vem a estrutura e o sistema que possibilitarão, pela interferência dos outros dois campos teóricos, a compreensão da língua dotada de impossível.

De cada um dos campos, representados acima pelos seus fundadores, vieram questões que provocaram rebuliço nas idéias científicas sustentadas na experimentação, na estatística, na observação objetiva, no tratamento matemático dos dados. Essa nova forma de abordagem do objeto de estudo configura, na AD, a diferença em relação ao tratamento do sentido.

Materialismo histórico: ideologia e totalidade

Dos marxistas, por meio do Materialismo Histórico, vem a possibilidade de tratar os fatos históricos como constitutivos da própria cientificidade que uma ciência das Formações Sociais carecia. Na historicidade que permeia os processos sociais que se enlaçam constituindo as condições de produção de uma dada Formação Social, está a sustentação científica para as ciências sociais¹ poderem ver além da prática técnica e empírica. Essa base permite à AD conceber o sentido como encadeado, ligado a um já-lá inscrito no interdiscurso.

Michel Pêcheux, ainda assinando como Thomas Herbert, aponta para a segunda e maior contribuição do marxismo à Análise de Discurso: a ideologia como elemento que subjaz a todo processo de instauração de uma ciência.

No universo estruturalista evanescente dos anos 60, há o início da teorização que vai, ao longo da obra de Pêcheux, consolidar essa relação de filiação da AD, ao Materialismo Histórico, colocando como centro de interesse “a superestrutura ideológica em sua ligação com o modo de produção que domina a formação social considerada.” (PÊCHEUX e FUCHS, 1975, p.165).

É entendido que o grande feito resultante da consideração à entrada da noção de ideologia nas ciências da linguagem foi possibilitar a Pêcheux dar maior sustentação a não inocência da linguagem, exatamente pela injunção ao ideológico.

A busca da totalidade, noção marxista fundamental, traduz nos trabalhos de Pêcheux uma filiação madura, capaz de retomar noções sem por elas se deixar cegar. Esse modo de filiar-se está presente desde os textos de Thomas Herbert até um dos últimos de Pêcheux, *La langue introvable*,

¹ Para fazer essa afirmação recorre-se a Thomas Herbert, nome adotado por Michel Pêcheux, nos seus primeiros escritos. Ele mostra a presença da ideologia já no momento fundador de toda ciência. A ideologia, no modo como ele trata nessa fase inicial, é tomada diretamente de Marx. A visão de Althusser será convocada por Pêcheux mais tarde, quando trata do assujeitamento ideológico.

em que se explicitam de modo mais claro as relações entre lingüística e o modo de produção que domina a formação social considerada. A ideologia e a linguagem constituem, assim, pontes que vão se estreitando ao longo do percurso teórico até fundirem-se numa totalidade que constitui objetos.

Embora o estruturalismo marque o tempo das articulações fundadoras, ele não significa a grade estrutural (DOSSE, 1993) que poderia aprisionar. Ele serve sim como ponto de onde Michel Pêcheux questiona exclusões e/ou separações que a adoção de tal paradigma provoca, trazendo, assim, para o campo dos estudos da linguagem a ideologia, tomada como constitutiva. Como já se apontou, começa então a perseguir o ponto onde a ciência e a ideologia podem constituir uma subjetividade não subjetivista.

Na primeira parte de *Observações para uma teoria geral das ideologias*, Pêcheux (Thomas Herbert) sustenta a impossibilidade de uma ciência sustentar-se sem anular a dicotomia entre prática técnica e prática política. Ao mesmo tempo em que, trazendo de texto anterior a dupla forma da ideologia, alerta para o fato de que prática técnica e prática política formam um elemento dentro da estrutura de uma prática. Remete então para a constituição dos objetos pelo duplo efeito do técnico e do político.

Aponta aí para uma questão que levará muito a sério ao longo de sua obra. Com elaboração muito pertinente à Lingüística, em *Semântica e Discurso*, Pêcheux (1975, p.21) identifica “três tendências que se opõem, se combinam e se subordinam umas às outras sob formas variáveis” nos estudos lingüísticos. Mostra que à AD nenhuma delas é suficiente, exatamente porque se constituíram buscando colocar na lingüística a exterioridade que havia sido desprezada pelo corte saussuriano, porém não conseguiram ultrapassar a barreira das ideologias tipo B e continuaram na prática-técnica repetindo a divisão entre língua/exterioridade, ciência/ideologia. O sistema com partes explicáveis por ele mesmo e com outras que precisam da exterioridade lingüística continua fechado em si mesmo e margeado por resíduos que, se considerados como parte, podem dar aos estudos lingüísticos a materialidade ideológica de que carecem as ciências sociais. Pêcheux mostra no texto de 1975 que na busca pela cientificidade a lingüística deixa de lado aquilo que, na perspectiva do Materialismo Histórico, é a própria condição da ciência: os processos em que a contradição constitutiva carrega a subjetividade dissimulando-a, pelos efeitos da ideologia.

No texto de 1968, Thomas Herbert já mostra a sua preocupação com a explicitação, a partir da dupla forma da ideologia (A e B), do modo como a prática vem impregnar a ciência de ideologia. Nessa busca, ele vai apontar para um novo paradigma para todas as ciências.

As ciências ditas da natureza dispõem de uma materialidade empírica observável, de procedimentos científicos já consagrados por cientistas como Tales, Galileu, Lavoisier, mas foram submetidas à dupla forma da ideologia, o que lhes deu exatamente o caráter que têm. São as ciências objetivas,

matematizáveis, como se não resultassem do encadeamento dos elementos da formação social. Às ciências sociais, em contraponto, reserva-se o caráter da subjetividade, da cientificidade vinda de fora. Os processos sociais também não são tomados pelo efeito do encadeamento que eles próprios provocam na estrutura. A não incorporação nas ciências sociais daquilo que lhes é mais próprio, impede que esses processos sejam transformados em objetos teóricos e apague-se a dicotomia entre ciência e ideologia.

A busca incessante pela teorização acerca da presença do ideológico em todas as ciências vem marcar a diferença entre Pêcheux e alguns teóricos de quem se aproxima. Em Thomas Herbert, a aproximação com Lacan já está assinalada pela ressalva de que “a cadeia sintática dos significantes determina para o sujeito o seu lugar, identificando-o a um certo ponto de cadeia (o significante no qual ele se representa), e que esse mecanismo de identificação não é outro senão o ‘efeito de sociedade.’” (HERBERT, 1968, p.75).

O que está apontado aí vai ganhando desdobramentos nos textos posteriores. No capítulo II de *Semântica e Discurso*, em nota de rodapé, Pêcheux reafirma o distanciamento, ao retomar que o Sujeito que interpela os indivíduos em sujeito é da ordem da ideologia e, com isso, marca a diferença em relação aos conceitos de Lacan, que podem produzir, na teoria, a reinscrição idealista.

Na mesma perspectiva, pode-se ver as críticas feitas a Foucault em *Remontémos de Foucault a Spinoza*. Ainda que Foucault tenha contribuído com noções essenciais para a AD, a sua reflexão não tem a ideologia como fio condutor, então, a fidelidade teórica de Pêcheux não pode resistir, daí porque a volta a Spinoza, pois neste a ideologia está no questionamento que faz no interior da própria doutrina. Ali a contradição se materializa.

Essa tenacidade com que Michel Pêcheux sustenta a presença da ideologia como constitutiva/constituída dos/nos processos sociais fecha o cerco em *Discurso: estrutura ou acontecimento*, quando ele mostra que ciências da natureza, tecnologias materiais e gestões administrativas têm um real natural-sócio-histórico atravessado por uma série de equívocos da ordem do ideológico. Nada escapa da ideologia, nem ciências sociais, nem ciências exatas. O cerco está fechado.

Do Materialismo Histórico convergiram, então, dois pontos que vão perpassar toda a disciplina de interpretação: totalidade e ideologia. Se a ideologia é o que faz o amálgama nos processos sócio-históricos, totalidade é a noção que possibilita compreender a constituição dos próprios processos no lugar da injunção da linguagem à história.

Lingüística: sistema material

A convergência de distintos campos teóricos para o ponto em que se institui a disciplina de interpretação pode ser vista de modo hierarquizado. Por um princípio da AD é interessante não seguir nenhuma hierarquia, entretanto,

a lingüística fica como um suporte primeiro que se expõe aos princípios dos outros campos, e lhes impõe limites os quais, ao atravessarem o objeto, a língua, vêm colocar novas interrogações para a ciência que surgiu fazendo exclusões².

O aporte do Materialismo Histórico impõe uma visão reunificadora daquilo que a lingüística apartou. Na língua, abre-se espaço para o que era externo.

A língua, em AD, é material e não abstrata. Materialidade que advém exatamente dos pressupostos marxistas e psicanalíticos. O sujeito, enquanto efeito sócio-histórico, portanto não indivíduo, habita a língua que ganha assim opacidade e foge aos postulados idealistas que a concebem transparente. O sistema mantém-se como lugar das sistematicidades fonológicas, morfológicas e sintáticas, entretanto elas precisam dar conta de um língua não mais separada da vida. A ciência, a lingüística, responde pela ordem da língua naquilo que diz respeito ao sistema que, nos processos discursivos, é atravessado pela história e o sujeito. Isso permite que a língua adquira materialidade, espessura. Eles vêm acrescentar a possibilidade do equívoco, da transgressão às regras. Ferreira (2000) mostra que a passagem da ambigüidade como defeito, problema lingüístico, para o equívoco como produtivo e próprio da língua, contribui para o deslocamento da concepção de língua abstrata para a forma material.

A diferença entre a língua como sistema abstrato e a materialidade lingüística decorre da teorização em que os pressupostos marxistas e os psicanalíticos são incorporados, mas redimensionados em alguns pontos. Pêcheux (1975) em outros estudos questiona o modo como os soviéticos, dentro do marxismo, continuaram tratando a lingüística sob pressupostos idealistas. O fato de os materialistas considerarem a língua como pertencente à superestrutura ideológica de uma formação social, assinala, para os autores, a existência de separação entre a língua viva, pertencente ao nível da infraestrutura, e a língua do Estado. História e língua são inseparáveis, pois são efeito do trabalho do sujeito nos dois níveis.

Orlandi diz que o que interessa ao analista do discurso “não é a organização da língua (pensada na lingüística sob o modo de oposição ou de regra), nem a organização social (classe, grupo). O que interessa é a ordem da língua.” (ORLANDI, 1996, p.18), ou seja, as suas sistematicidades e a possibilidade do equívoco, do jogo sobre as regras. Nesse sentido, há um sistema, um real impossível de ser ignorado, mas com espaço para o jogo, com falhas e abertura para o sujeito e a história.

Psicanálise: atravessamento produtivo

A filiação da AD à Psicanálise emerge nos primeiros textos de Pêcheux. Há, entretanto, um distanciamento entre a adoção de pressupostos

² As exclusões impostas pelo corte saussureano, no momento da instituição da ciência lingüística, são sintetizadas na divisão língua/fala que acarreta a exclusão do sujeito e da historicidade. O sistema prevalece sobre a subjetividade. Reconhece-se, com o Curso de Lingüística Geral, uma língua-estrutura.

da Psicanálise e a explicitação disso. Essa filiação se faz essencialmente pela adoção da concepção de sujeito dividido, não dono da sua vontade. A consideração ao sujeito dotado de inconsciente remete à releitura de Freud por Lacan, porém a filiação ao marxismo impõe os processos sócio-históricos como espaço de produção do mundo simbólico que constitui os objetos formadores do inconsciente.

Thomas Herbert (1968) já mostrou isso na retomada do enunciado de Lacan que trata da relação entre significantes e a identificação do sujeito na cadeia simbólica. À teorização de Pêcheux interessou sim a estrutura, a cadeia de significantes como espaço da relação que possibilita ao sujeito reconhecer-se no outro, agora, o modo como esse outro é configurado, como os objetos que vem constituí-lo são produzidos, é de outra ordem.

Gadet et al. (1993, p. 48-54) apresentam questões que permitem compreender que a não explicitação das aproximações e articulações da psicanálise com a AD é efeito da conjuntura político-científica dos anos 60. Nos últimos trabalhos de Pêcheux, especificamente em *La langue introuvable*, as aproximações e articulações se mostram de modo mais explícito. Há remissão a conceitos forjados por Lacan e desenvolvidos por Jean Claude Milner. Essas articulações aparecem em outros autores cujas concepções são solidárias com a AD.

Orlandi (1996, p. 144-147) explicita o atravessamento que a teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) faz nas três regiões que constituem o quadro epistemológico da AD, ao mostrar que na constituição do sentido “há a relação necessária da ideologia com o inconsciente.” (p.145). A materialidade dessa relação está no equívoco. “O equívoco enquanto constitutivo da relação do sujeito com o simbólico, qual seja sua relação com a ideologia e o inconsciente.” (idem p.146), o equívoco enquanto ilusão necessária do interpretante, ilusão de origem e propriedade do sentido. A ideologia e o inconsciente fazem com que haja deslocamentos e deslizos sem conhecimento do sujeito. Há uma determinação inconsciente e ideológica no dizer, no modo como esse se constitui, no permanente movimento que faz flutuar um fio específico pelo interdiscurso, enquanto pré-construído, e depois desaguar numa formulação.

A produção teórica da AD tem registrado trabalhos que enfatizam mais contribuições da Psicanálise ou questionam o modo desse atravessamento. Muitas são as questões que demandam maior reflexão, entretanto as pessoas se deixam conduzir, com predominância, pelas articulações entre lingüística e materialismo histórico com atravessamentos da Psicanálise.

Teoria do discurso: encontro anunciado

A teoria do discurso “como teoria da determinação histórica dos processos semânticos”, (PÊCHEUX e FUCHS, 1975, p. 164), só pode ser tratada na sua relação com os outros três campos teóricos que convergem para a construção da disciplina de interpretação.

A primeira questão que se coloca é a da relação posta por determinação histórica dos processos semânticos. Sabe-se que a semântica só tinha, na história, a sua própria história atravessada pelos tratamentos lógico-lingüísticos, os quais objetivavam mantê-la distante daquilo que lhe é mais próprio, a relação com a historicidade constitutiva do sentido. Essa é uma história temporal, diacrônica que, como aponta Guimarães (1995), não possibilitou o amálgama entre lingüístico e histórico.

A questão do sentido se coloca, tanto para os filósofos quanto para os lingüistas, como espaço de tensão. Depois de Bréal, final do século XIX, passando por Saussure, Benveniste, Austin, Searle e Ducrot até a AD, os estudos lingüísticos careceram de um aporte teórico que possibilitasse a inclusão da história no sentido.

Pêcheux (1975) vê como ponto dessa tensão o fato de que as teorias lingüísticas tomam o objeto de estudo, a língua, como ahistórica e assim buscam explicar a relação com a história, seguindo a lógica das linhas paralelas, que nunca se encontram.

Tem-se entendido que a teoria do discurso, convocada na AD, embora no primeiro momento estivesse mais relacionada à lingüística, tem como suporte fundamental a obra de Michel Foucault. Pêcheux, como se sabe traz de lá a noção de formação discursiva e dá a Foucault lugar na AD, tomando-o com certa distância epistemológica. Mas ve-se que Courtine (1981), mesmo respeitando essa distância, traz de Foucault maiores contribuições para a teoria do discurso que está na base da AD. Destaca-se a noção de enunciado na sua relação com a dispersão e também o deslocamento de documento para monumento, tratados por Foucault em *Arqueologia do saber*, obra fundamental para os analistas de discurso, exatamente por esses embriões da teoria.

Assim a *teoria do discurso*, que se coloca como uma das três regiões do conhecimento científico que se articulam para constituir a AD, já é um efeito da própria articulação entre as teorias que representam a língua, a história e o sujeito. As noções que vêm constituí-la, como é o caso da Formação Discursiva, podem vir de outros quadros teóricos, mas na AD são reconfiguradas, segundo a perspectiva da não separação entre ciência/ideologia.

Não são as teorias que se reconfiguram, mas é a incidência de um quadro epistemológico diverso que produz um outro objeto. Dessa forma, o sentido não está na língua, pois essa é semantizada na relação discursiva.

Considerações finais

A AD não só trata da constituição dos sentidos, como também instaura um processo de construção gradativa da teoria da determinação histórica dos processos semânticos, os quais, pela historicidade, movimentam sentidos e sujeitos. Esse deslocamento no campo dos estudos da interpretação é efeito da descontinuidade imposta pela convergência de diferentes campos teóricos,

os quais, ao incidirem sobre a língua, permitem desnudá-la da pureza, da abstração, e conferir-lhe materialidade.

Referências

COURTINE, J. J. Analyse du discours politique (le discours communiste adressé aux chrétiens). *Languages* (62), Paris: Larouse, Juin 1981.

DOSSE, F. História do estruturalismo I. O campo do signo, 1945/1966. *Ensaio*; Campinas: UNICAMP, 1993 (A).

GADET, F. et al. Apresentação da conjuntura em lingüística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 1993.

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido*. Campinas: Pontes, 1995.

HERBERT, T.(1968). Observações para uma teoria geral das ideologias. In: *Rua*. Campinas, 1995, 1: 63-89.

FERREIRA, L. M. C. *Da Ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. (1975). A Propósito da Análise Automática do Discurso, GADET e HAK (Org) In: *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas: UNICAMP, 1993.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.